

**ATIVIDADE DE HISTÓRIA – SEMANA 10 – PERÍODO 06 A 10 DE JULHO
DE 2020.**

DISTANCIAMENTO SOCIAL – COVID19

7º ANO A, B, C – PROFESSORA LUCIANA MACHADO

7º ANO D – PROFESSOR JOSÉ APARECIDO CÂNDIDO

7º ANO E – PROFESSOR LUCAS DURÃES

Unidade Temática: A organização do poder e as dinâmicas do mundo colonial americano.

Objeto do Conhecimento: A formação e o funcionamento das monarquias europeias: a lógica da centralização política e os conflitos na Europa.

Habilidades do Currículo Paulista: (EF07HI07) Descrever os processos de formação e consolidação das monarquias europeias, bem como as principais características dessas monarquias com vistas à compreensão das razões da centralização política.

ORIENTAÇÃO DE ESTUDOS!! 📖😊😊📖

- Assistir a vídeo-aula;
- Ler e fazer um resumo, no caderno e a caneta, das páginas 19, 20, 21, 22, 23 do livro didático (quem não tiver, as páginas estão abaixo);
- Copiar e responder, no caderno, as seguintes questões: Explore página 19 – 7 e 8 página 20 – Explore 1, 2 e questão 9 página 21 – 1, 2 e 3 página 22 – 10 e 11 página 23;
- Não se esqueça de enviar as fotos das atividades prontas para o seu professor no Whatsapp privado@@

DÚVIDAS ESTAMOS A DISPOSIÇÃO!!

BONS ESTUDOS!!!



MUSEO DE FIRENZE COMERA, FIRENZA

Representação da cidade de Florença, 1490. Museu de Firenze, Florença, Itália.

A descentralização na Península Itálica

Na Península Itálica, as cidades formavam unidades administrativas independentes e não passaram por processo de unificação e consolidação de um Estado nacional, tendo permanecido fragmentadas até o século XIX.

“Como quer que seja, o fato é que a Itália era, [...] na feliz expressão de um estudioso atual, não uma nação, mas uma nação de nações. Uma nação de nações que, na segunda metade do **quattrocento**, vivenciou uma espécie de pioneiro equilíbrio de poder entre os principais Estados. Pois, entre todos eles, não havia nenhum que pudesse levar a cabo um processo de unificação política da Península Itálica. Não havia nenhum com uma formação social semelhante àquela que existia nos outros países da Europa e que permitiu o aparecimento [...] de um Estado resultante de uma articulação entre nobreza fundiária e monarquia dinástica, cuja autoridade agia no ápice da pirâmide de poder, mas não na base, na estrutura dos direitos senhoriais.”

FLORENZANO, Modesto. *Sobre as origens e o desenvolvimento do Estado moderno no Ocidente*. São Paulo: Lua Nova, 2007. p. 26.

Quattrocento: período referente ao século XV, ou anos 1400.

Explore

Responda em seu caderno

- De acordo com o texto, qual é a diferença entre os processos políticos ocorridos na Península Itálica no século XV em relação aos demais países europeus?

Saiba mais

Maquiavel e o poder dos príncipes

“Todos os Estados, todos os domínios que tem havido e que há sobre os homens, foram e são repúblicas ou principados”. É assim que o filósofo Nicolau Maquiavel, um dos principais teóricos do Estado moderno, nascido na cidade de Florença, inicia a sua obra. Em *O príncipe*, Maquiavel desenvolveu os fundamentos do poder dos príncipes e teorizou sobre os meios pelos quais os Estados são constituídos, mantidos e ampliados. Em tom

de aconselhamento, conclui na obra que os príncipes devem praticar o necessário para garantir seu poder e sempre demonstrar a virtude de sua conduta, preferindo, no entanto, ser temidos a ser amados. Vivendo em uma Itália fragmentada, Maquiavel abordou também a organização de um exército nacional, com o qual os príncipes pudessem libertar o país da dominação estrangeira e, enfim, unificá-lo.

Recapitulando

Responda
em seu
caderno

7. Podemos afirmar que a Península Itálica e o Sacro Império Romano-Germânico também constituíam monarquias centralizadas? Justifique.
8. O que foi a Querela das Investiduras? Qual foi a solução encontrada para o conflito?

O Sacro Império Romano-Germânico

O Sacro Império Romano-Germânico foi instituído na região central da Europa em 962, após o papa João XII coroar o rei da Germânia, Oto I, como monarca desse império, que pretendia restaurar a grandiosidade romana da Antiguidade.

No início, o império estendia-se desde a costa do Mar do Norte até parte do litoral do Mediterrâneo e do Mar Adriático, região onde hoje se encontram Alemanha, Itália, Suíça, Áustria, Liechtenstein, República Tcheca, Eslovênia, Holanda, Bélgica e Luxemburgo.

O governo de Oto I e o de seus sucessores foram marcados por medidas que buscavam estender o controle do Estado sobre a Igreja. Ao atuar ao mesmo tempo como autoridade política e religiosa, os imperadores provocaram insatisfação na esfera eclesiástica, culminando na **Querela das Investiduras**. Na ocasião, o imperador Henrique IV passou a exigir o poder de nomear bispos, desafiando a autoridade do papa Gregório VII.

A situação entre o Sacro Império Romano-Germânico e a Igreja foi solucionada com a **Concordata de Worms**, firmada em 1122, que selou o acordo segundo o qual os bispos seriam nomeados tanto pelo papa como pelo imperador.

A fragmentação do império

Pouco a pouco, o império passou a ser fragmentado com a independência de diversas regiões, como as cidades comerciais italianas. No final do século XIII, mais de duzentos principados compunham o Sacro Império Romano-Germânico, e o poder político dos respectivos príncipes locais era, de modo geral, mais influente que o do imperador.

Em 1806 foi decretado o fim do Sacro Império. Como na Itália, os territórios alemães só passaram a constituir Estado único após os processos de unificação ocorridos no século XIX.



Gravura de Jost Negker representando os brasões de armas dos principados que compunham o Sacro Império Romano-Germânico, c. 1510. Ao centro, a figura de Jesus crucificado representa a importância da Igreja.

Saiba mais

As línguas italianas

As chamadas "línguas vulgares" – utilizadas nas interações sociais e comerciais cotidianas – passaram a se afirmar quando da conformação dos Estados europeus e foram empregadas também em documentos oficiais e registros administrativos. Nas cidades italianas falava-se toscano, florentino, francês, siciliano – línguas diferentes que mantinham parentesco latino. O italiano tal como o conhecemos hoje é derivado do florentino, que foi legitimado pelos autores Dante, Boccaccio e Petrarca no século XIV.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O poder absoluto dos reis

Em alguns países, o fortalecimento do poder real originou as chamadas **monarquias absolutistas**. No regime absolutista, o rei ou a rainha tinha o poder de elaborar as leis, praticar a justiça, cobrar os impostos, organizar o exército e administrar o Estado. Isso significa que o soberano colocava-se acima de todas as instituições e exercia o poder sem limites.

As principais monarquias absolutistas europeias da Idade Moderna foram as da França, da Espanha, da Áustria e de Portugal.

As justificativas para o poder real

Ao longo dos séculos XVI e XVII, diversos pensadores produziram obras que procuravam justificar a concentração do poder nas mãos dos reis. Um deles foi o inglês Thomas Hobbes (1588-1679). Em uma de suas obras, intitulada *O leviatã*, ele argumentou que os homens, em seu estado de natureza, viviam em permanente conflito entre si. Para manter a paz, a humanidade teria se organizado em sociedades governadas por uma autoridade soberana, como o rei, evitando assim a desordem e a violência extrema. Segundo Hobbes, para garantir a paz e a vida em sociedade, os indivíduos, por meio de um pacto, renunciavam à sua liberdade e se submetiam ao poder de um governante.

Na França, o teólogo Jacques Bossuet (1627-1704) estabeleceu uma relação direta entre o poder dos reis e a vontade de Deus. Para ele, o poder dos reis era praticamente ilimitado e incontestável, pois havia sido concedido por Deus. Essa teoria ficou conhecida como **teoria do direito divino dos reis**.



Apotheose de Luís XIV, pintura de Charles Le Brun, 1677. Museu Ingres, Montauban, França. O rei Luís XIV, que governou a França no século XVII, encarnou como nenhum outro soberano a figura do monarca absoluto da Europa moderna.

Refletindo sobre

Para justificar o poder absoluto, teóricos defendiam que "todo poder emana de Deus". A Constituição brasileira de 1988, por outro lado, registra que "todo poder emana do povo". Na sua opinião, o que cada frase informa sobre o poder político estabelecido no contexto em que foi empregada?

Explore

Responda em seu caderno

1. O que significa a palavra *apoteose*, utilizada para nomear a pintura?
2. Que relação pode ser estabelecida entre essa representação de Luís XIV e a teoria de Jacques Bossuet?

Recapitulando

Responda em seu caderno

9. Cite três características das monarquias absolutistas.

Leitura complementar

A construção da imagem do monarca absoluto

No texto a seguir, a historiadora Laura Ferrazza descreve como Luís XIV, que governou a França entre 1643 e 1715, utilizou as artes, como a pintura e a escultura, para enaltecer e eternizar a sua imagem.

“Antes de Luís XIV, e talvez mesmo depois dele, poucos foram capazes de construir uma imagem pessoal tão potente e duradoura. Ele não afirmou seu poder apenas através da força bélica: investiu e acreditou na construção de uma marca e no poder das imagens. Colocou todas as artes ao seu serviço, para exaltá-lo: a pintura, a escultura, a ourivesaria, a moda. Todas essas atividades, no Grande Século do Rei Sol, gravitavam ao seu redor. [...]”

Sua maior demonstração de poder e egocentrismo foi a construção do Palácio de Versalhes, obra faraônica e sem igual, que se tornou um marco na arquitetura. [...] No palácio, assim como em seu governo, tudo está centrado na figura do monarca. Seu rosto está até mesmo no caixilho que cerra as janelas. [...]

Na guerra das aparências, sua principal arma foi a moda. Se, no início de seu reinado, ele exibia uma longa e vistosa juba de cabelos próprios, haveria de lançar, aos primeiros sinais de calvície, a moda das perucas de cabelos naturais. Em seu retrato mais famoso, realizado por Hyacinthe Rigaud em 1701, Luís XIV estava com 63 anos. A postura imponente e o rosto pouco enrugado se devem certamente à lisonja do pintor e à exigência do rei. Ali também vemos os sapatos de saltos vermelhos, outra criação de Luís. Só podiam ser usados por ele e por um número restrito de nobres da corte. Os sapatos exclusivos ajudavam a manter sua

postura e o faziam parecer mais alto, assim como a peruca, que se eleva no topo da cabeça. Mas seu suntuoso traje, composto pelo ‘manto sagrado’ dos reis franceses, dissimula um corpo já cansado.”

FERRAZZA, Laura. O ocaso de um rei. *O Estado de S. Paulo*, 29 abr. 2017. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/blogs/estado-da-arte/o-ocaso-de-um-rei/>>. Acesso em: 20 jun. 2018.



HYACINTHE RIGAUD - MUSEU DO LOUVRE, PARIS
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Retrato de Luís XIV,
pintura de Hyacinthe
Rigaud, 1701. Museu do
Louvre, Paris, França.

Questões

Responda em seu caderno

1. De que modo as atividades artísticas e a arquitetura contribuíram para a construção da imagem soberana de Luís XIV?
2. Com base no texto, é possível afirmar que a moda pode assumir uma função política? Explique.
3. Atualmente, você acha que os líderes políticos manifestam preocupação com a própria imagem perante o povo? Justifique.

A política mercantilista

As monarquias absolutistas procuravam fortalecer seu poder adotando medidas econômicas para aumentar a riqueza do reino. O conjunto dessas medidas é conhecido como **mercantilismo**.

As práticas mercantilistas foram utilizadas de modo particular por cada Estado europeu, que as usava de forma adequada a suas estratégias econômicas e necessidades financeiras. Veja, a seguir, alguns princípios e práticas do mercantilismo.

- **Metalismo.** Princípio que definia a riqueza de um Estado pela quantidade de ouro e prata acumulada nos cofres do governo.
- **Balança comercial favorável.** Prática em que as exportações (vendas ao exterior) deveriam ser maiores do que as importações (compras do exterior), evitando a saída de metais do reino.
- **Colonialismo.** Exploração de territórios fora da Europa, em que as coroas poderiam obter produtos de alto valor no mercado europeu, como metais preciosos e especiarias (diversos tipos de temperos).
- **Protecionismo alfandegário.** Cobrança de pesadas taxas sobre os produtos importados, para proteger os similares produzidos no reino ou trazidos das colônias.



Moeda de ouro do século XVI, cunhada com o brasão do rei Henrique VIII, da Inglaterra. Arquivo Nacional da França, Paris.

Recapitulando

Responda em seu caderno

10. Qual é o nome do conjunto de medidas econômicas adotado pelas monarquias absolutistas?
11. Explique os princípios do metalismo e das práticas mercantilistas como a balança comercial favorável, o colonialismo e o protecionismo alfandegário.



Conexão

Joana d'Arc e suas batalhas

Phil Robins. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Coleção Mortos de fama)

A história de Joana d'Arc inspirou muitos livros e filmes que, como esse, contam como a camponesa se tornou a maior heroína do povo francês. Em quadrinhos, aspectos como a vida no campo durante a Idade Média e as batalhas da Guerra dos Cem Anos são abordados de um jeito divertido.

